

A ASCENSÃO DO NEGRO NA AMÉRICA E AS METÁFORAS DE ARIEL, CALIBÃ E EXU: DE MALCOLM X A BARACK OBAMA

THE ASCENSION OF NEGRO IN AMERICA AND THE METAPHORS OF ARIEL, CALIBAN AND ESU: FROM MALCOLM X TO BARACK OBAMA

Paraguassu de Fátima Rocha

Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
Professora colaboradora de Literatura do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
E-mail: fatima.rocha19@bol.com.br

Cristiane Leamari Castro

Mestranda em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
Professora de Direito Civil do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)

Hayat Boulos Machado

Mestranda em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
Professora de Língua Inglesa na Sociedade Educativa e Cultural Amélia (SECAL)

RESUMO

O processo de escravização do negro na América permaneceu ativo por aproximadamente 250 anos e, apesar dos movimentos articulados em favor da liberdade dos escravos, o afro-americano continuou quase invisível na sociedade americana até Barack Obama conquistar a presidência dos Estados Unidos. O novo líder negro deve dar continuidade às lutas iniciadas por Malcolm X e Martin Luther King Jr. pelos direitos civis de um povo segregado e humilhado durante muito tempo. Tentando compreender o perfil destes homens, que se empenharam em projetar do negro no cenário social e político da América, este estudo busca nas metáforas literárias de Ariel, Calibã e Exu a resposta para as questões do assimilacionismo propostas por Munanga (1986), que sugere uma aproximação cultural entre negros e brancos; do nacionalismo defendido por Tyson (2001), que descreve a posição de isolamento do negro diante do outro e a resistência aos interesses do opressor; e o catalismo, também descrito por Tyson (2003), que propõe a reaproximação de culturas através de mediações que levem negros e brancos a reformularem suas estratégias de convivência, a fim de garantir a preservação da identidade.

Palavras-chave: Negro. Metáforas literárias. Malcolm X. Martin Luther King. Barack Obama

ABSTRACT

The process of negro slavery stayed active for approximately 250 years in America and although the articulated movements in favor of slave freedom, the afro-American has continued invisible in American society until now, when Barack Obama conquest the presidency of The United States. The new negro leader will probably follow the steps of his ancestors, Malcolm X and Martin Luther King Jr. that have fought for the human and civil rights of segregated and humiliated people during so much time. Trying to understand the profile of these men who have applied themselves to negro's projection into political and social American society, this article sought in the literary metaphors of Ariel, Caliban and Esu, the answers for assimilationism, proposed by Munanga (1986) that suggests a cultural approach among negroes and whites; nationalism, defended by Tyson (2001) that describes the isolated position of negro in face of the other and his resistance to the oppressor interests and, catalism, also described by Tyson (2003) that suggests a new approximation of cultures through intermediations that lead negroes and whites to revise the strategies of association in order to preserve their identities.

Key-words: Negro. Literary Metaphors. Malcolm X. Martin Luther King. Barack Obama.

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar os movimentos históricos da escravidão negra nos Estados Unidos, que teve início no século XVII, percebe-se que a ascensão do afro-americano Barack Obama à presidência dos Estados Unidos se deve menos à descrença do povo americano no governo anterior que lhe impingiu, indiretamente, a política do medo e da instabilidade econômica e social, do que às lutas empreendidas pelo negro para se firmar como sujeito de uma nação que exerce domínio sobre as relações internacionais.

Dentre tantos descendentes de escravos que se empenharam no processo de emancipação do negro, destaca-se neste ensaio, além de Barack Obama, Malcolm X e Martin Luther King, cujos perfis serão analisados de acordo com as metáforas literárias de Ariel, Calibã e Exu, os dois primeiros personagens da peça *A Tempestade* de Shakespeare (1982), e o último entidade africana cultuada nos terreiros de candomblé.

A personagem Ariel da peça *A Tempestade* é identificada na literatura afro como símbolo da submissão pela sua aproximação com a cultura do colonizador europeu, representado no texto de Shakespeare por Próspero. Este caráter de submissão assumido pela personagem é descrito por Munanga (1986) como uma das saídas encontradas pelos afro-descendentes para se integrarem ao mundo novo, classificada por ele como assimilacionista. Além da submissão, o negro necessita assumir características que lhe façam assemelhar-se ao branco e assim ser aceito por ele.

Em contrapartida à saída assimilacionista, Tyson (2001, p. 152) esclarece que, diante de um regime que procura desestruturar seus valores culturais, o negro adota uma prática nacionalista a fim de “sobreviver às duras realidades do racismo” e assim escapar da “cultura de dominação colonial”. Essa forma de resistência é associada à personagem Calibã do texto de Shakespeare que, ao enfrentar Próspero, não permite que os valores desse se espalhem pela ilha.

Como uma resposta promissora a esse quadro - que tende a colocar o afro-descendente em situações de radicalismo exacerbado, seja pela submissão ao branco, seja pelo isolamento no interior do seu próprio universo negro - West (1993) sugere que o indivíduo negro adote uma postura em que:

Não está numa disposição submissa ao pai Ocidental, nem numa busca nostálgica do pai Africano. Ao contrário, seu futuro reside numa negação crítica, numa preservação sábia e numa insurgente transformação desta linhagem negra que protege a terra e projeta um mundo melhor (WEST, 1993, p. 85)

A proposta de West define bem o sujeito catalista que é representado metaforicamente pela figura do Exu. A presença de Exu na literatura se deve ao fato dessa entidade circular entre dois mundos e exercer a função de mediador entre o divino e o humano, conforme afirma Gates (1988, p. 6) em *The signifying monkey: a theory of African American Literary Criticism*.

A literatura afro-americana tem mostrado, principalmente através das personagens de Tony Morrison, o posicionamento do negro perante a hegemonia branca. O negro assimilacionista é representado por Pecola, menina negra que deseja ardentemente ter olhos azuis, em *O olho mais azul* (2003). Em *Canção de Solomon* (1986), Guitar Bains professa um discurso de ódio ao branco e a tudo que não diga respeito à sua raça. As relações que aproximam brancos e negros são discutidas no romance *Amada* (1994), também de Morrison. Ali a autora aborda a questão da solidariedade envolvendo a negra Sethe e a branca Amy.

A literatura afro-descendente é constituída por metáforas e busca resgatar o passado glorioso de uma nação criada pelo colonizador branco. Conforme descreve HALL (2003, p. 31), “África é, em todo caso, uma construção moderna que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas, cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos.” Ao tráfico de escravos alia-se a metáfora do movimento representada pelo navio negreiro em que, segundo GLISSANT (2005, p. 19), “os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua.”

Se o discurso literário compõe seus personagens a partir da representação do real, e começa a reconhecer a existência de uma nação afro-descendente, promovendo o resgate da identidade africana e projetando-a no cenário do colonizador, cabe perguntar: como se comportam os heróis negros Malcolm X, Martin Luther King e Barack Obama, que não sendo personagens de papel se envolvem na luta para a afirmação de uma identidade negra.

Malcolm Little - um dos grandes defensores dos direitos do negro nos Estados Unidos, que mais tarde adotou o X, um símbolo que representava sua origem africana, eliminando dessa forma o sobrenome que lhe vinculava ao império colonialista - nasceu no estado de Nebraska em 19 de maio de 1925. Teve seu pai assassinado a partir dos 6 anos de idade e, a partir de então, viu sua família ser destruída pelo poder estatal, que providenciara para que sua mãe fosse atestada incapaz de permanecer ao lado dos filhos, os quais foram encaminhados para lares adotivos.

A história de Malcolm X bem poderia ser a história de seus antepassados arrancados da África e dispersos pelo Novo Mundo. Nesta prática dispersiva em que o africano se vê afastado de sua cultura e as perdas se tornam inevitáveis, conforme relata Charles Johnson em seu romance *A passagem do meio*, “maridos separados de esposas, filhos de pais, [...] cada separação como uma amputação ou esfolamento, pois como um clã eram tão unidos quanto células num corpo.” (JOHNSON, 1990, p. 62). A construção de uma nova identidade é condição indiscutível para garantir a sobrevivência.

Assim, Malcolm vai transitar entre o assimilacionismo e o nacionalismo, firmando-se como líder religioso que discriminava o branco, numa atitude essencialmente nacionalista. Entretanto, no decorrer de sua trajetória, começa a apontar para uma prática catalista ao reconhecer a importância de outras raças e aceitar seus representantes como membros de sua religião.

Sua primeira incursão no universo do branco se dá pela mudança da imagem - a atitude de Malcolm, ao alisar os cabelos, vem comprovar o pensamento de Munanga sobre a necessidade do negro de assemelhar-se ao colonizador branco para assim ser aceito por ele. Outra atitude que determinará o caráter assimilacionista de Malcolm, quando jovem, é o seu interesse por uma jovem branca e loira, com quem terá um longo relacionamento.

Na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para, na seqüência, reclamar o reconhecimento de fato e de direito. Como tornar real essa semelhança a não ser através da troca de pele? Ora, para nisso chegarem, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a auto-recusa. (MUNANGA, 1986, p. 27)

Essa aceitação dos valores do colonizador é associada ao comportamento de Ariel, quando esta dirigir-se a Próspero na peça de Shakespeare: Ariel - “Tua vontade forte é que domina/Ariel e seu poder” (SHAKESPEARE, 1982, p. 38), ou seja, Malcolm desliga-se de suas origens negras para ter acesso a um macrocosmo que o levaria ao limiar da criminalidade. A ligação de Malcolm com o submundo do crime pode ser entendida, nos termos de West, como consequência da ameaça niilista que, para ele representa, “a experiência de viver dominado por uma pavorosa falta de propósito, de esperança e (acima de tudo) de amor,” o que resultaria no “desligamento e a insensibilidade em relação às outras pessoas e uma índole autodestrutiva em face ao mundo”. West conclui seu pensamento afirmando que “a vida sem significado [...] gera uma perspectiva fria que destrói tanto o indivíduo como os demais” (WEST, 2001, p. 31). Esta perspectiva fica clara nas palavras de Malcolm em entrevista a Alex Haley, da revista Playboy:

O homem branco tem ensinado ao negro neste país a se considerar inferior, a odiar um ao outro, a voltar-se um contra o outro. [...] Entre outras coisas, nós temos nossos pequenos negócios na maioria das grandes cidades neste país, e queremos criar muito mais. [...] Mas para isso, nós precisamos de nossa própria terra. [...] Nós precisamos aprender a nos tornarmos produtores, fabricantes e comerciantes; ter nossas próprias indústrias e empregos. O homem branco resiste a isso porque ele quer manter o negro sob seu domínio e jurisdição na sociedade branca. Ele quer manter o negro sempre dependente e implorando por empregos, alimentação, vestuário, abrigo, educação. [...] Ele quer manter o negro onde ele possa ser observado e retardado. (Malcolm apud Haley, 1963)¹

Esse sentimento de desolação enfrentado pelo negro nos Estados Unidos, e que influenciou o comportamento marginal de Malcolm a ponto de levá-lo à prisão, foi revertido graças ao que West (2001, p. 35) denomina de política de conversão, a qual implica na afirmação, pela pessoa, do seu próprio valor. Após muitos anos enfrentando o sistema

prisional americano, Malcolm conhece, através de seu irmão Reginald, os ensinamentos religiosos de Elijah Muhammad e converte-se ao islamismo. A partir de então, tem início seu perfil nacionalista, pois, ao lembrar suas relações com o branco, descobre que fora sempre vitimizado pela pretensa supremacia do colonizador. Segundo ele, “o homem branco sabe que uma vez que o negro [...] aprenda que ele pode fazer as coisas por ele mesmo, seu potencial explodirá e ele (o negro) irá superá-lo” (MALCOLM apud HALEY, 1963)². O discurso de Malcolm com relação à superação dos obstáculos criados pelo branco vai ao encontro das palavras da personagem Calibã da peça de Shakespeare, que se constitui na metáfora literária para a experiência nacionalista:

Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma.
[...]
A falar me ensinaste, em verdade.
Minha vantagem nisso, é ter ficado
sabendo como amaldiçoar. Que a peste
vermelha vos carregue, por me terdes
ensinado a falar vossa linguagem (Shakespeare, 1982, p. 43/44)

Ao deixar a prisão, Malcolm tornou-se o maior líder religioso negro a professar a religião do islã, pregando sempre a união do negro e o afastamento do branco a quem chamava de demônios por acreditar que:

a raça branca é culpada por insuflar a ira divina. Todas as sociedades civilizadas nas suas cortes de justiça que estabeleceram a opressão e exploraram e escravizaram nosso povo aqui na América, seriam e serão uma sentença de execução contra aqueles que julgam inimigos da sociedade, como assassinos e seqüestradores. A presença de 20.000.000 (em 1963) de pessoas negras aqui na América é prova de que Tio Sam é culpado do seqüestro porque não viemos aqui voluntariamente a bordo do *Mayflower*. E 400 anos de execuções sumárias condenam o Tio Sam como assassino. (MALCOLM apud HALEY, 1963)³.

O espírito nacionalista de Malcolm fica evidente pela preservação de seus valores culturais que, segundo Tyson, reside na “importância da família, da comunidade, da igreja no esforço de sobreviver às duras realidades do racismo; de desenvolver os aspectos positivos e espirituais da vida; e de garantir que cada negro tenha a oportunidade de alcançar plenamente seu potencial humano” (TYSON, 2001, p. 152). Seu primeiro passo foi o casamento com a negra Betty, com quem teve quatro filhas. Malcolm recrutou jovens negros em bares e guetos e em pouco tempo conseguiu aumentar o número de seguidores do islamismo.

Sua rápida ascensão, devido à ousadia e sagacidade, provocou ciúmes no seu mentor espiritual, Elijah Muhammad, e Malcolm foi acusado de querer assumir o controle do

movimento religioso muçulmano negro e de traição. Após seu afastamento, ele viaja à Meca e se intera dos reais fundamentos do islamismo. Ao retornar aos Estados Unidos, funda a Organização da Unidade Afro-Americana, cuja proposta era a união dos afro-americanos e a abertura até para os brancos a quem tanto repudiou no princípio. Malcolm não teve tempo de ver o desdobramento de seu projeto, pois foi assassinado em 21 de fevereiro de 1965 por um dos membros do grupo, que não aceitava a atitude catalista do líder negro. A consagração de Malcolm, nas décadas de 50 e 60, se deu pelas lutas em defesa dos direitos civis do negro americano, tendo como base a religião. Sua trajetória é marcada pelos mais diferentes reveses, porém, sua história se firma pela intenção de projetar o negro no espaço do colonizador e conquistar sua identidade.

A luta pelos direitos humanos na América não se encerrou com a morte de Malcolm X. Ao contrário, ganhou força através de um homem de ideais: Martin Luther King. Luther King representou uma trajetória de sonhos, abriu as portas para que uma nação segregada acreditasse na possibilidade de um dia chegar à igualdade entre os seres humanos, independentemente da cor da pele, raça ou condição social. No discurso pronunciado em 28 de agosto de 1963, como se estivesse prevendo o futuro, Luther King ousou sonhar e crer no que naquele momento parecia impossível e, 46 anos depois, um homem negro assume a presidência dos Estados Unidos da América e lembra suas palavras para esclarecer que o sonho estava se realizando.

Se alguém aí ainda duvida de que os Estados Unidos são um lugar onde tudo é possível, que ainda se pergunta se o sonho de nossos fundadores continua vivo em nossos tempos, que ainda questiona a força de nossa democracia, esta noite é sua resposta (OBAMA, 2008)⁴.

Nascido em Atlanta, no dia 15 de janeiro de 1929, Martin não passou pelos mesmos infortúnios que a família de Malcolm, já que pertencia à classe média de negros americanos. Seu pai, Martin Luther King Sênior, era pastor e sua mãe professora. Isso, porém, não o impediu de enfrentar na infância o desprezo, a humilhação e o isolamento por ser negro, conforme relata no primeiro capítulo do livro *Stride Toward Freedom: The Montgomery Story* (1978). As declarações de Martin sobre a divisão do seu universo em duas partes - o mundo branco e o *gheto* negro - encontra eco nos relatos de Du Bois sobre a invisibilidade do negro. Em *As almas da gente negra*, Du Bois reconhece que “era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles (os brancos) por um imenso véu” (DU BOIS, 1999, p. 53).

Ainda segundo Du Bois, o negro foi, na tentativa de ver superadas as desigualdades raciais, protagonista de três grandes movimentos: o primeiro diz respeito à conquista da liberdade, o segundo ao direito ao voto, e o terceiro, no qual vai se ajustar o perfil de Martin Luther King nos primeiros anos de sua existência, o ideal da “sabedoria dos livros” (DU BOIS, 1999, p. 56-8). Na busca pelo conhecimento, Martin estudou nas mesmas escolas públicas frequentadas por alunos brancos, incluindo a antiga *Atlanta University High School* e a *Booker T. Washington High School*. Essas duas incursões pelo universo branco podem ser interpretadas como uma característica do negro assimilacionista, que segundo Munanga (1986, p. 27), busca através da semelhança com o branco reivindicar seus direitos.

Martin entrou para o *Morehouse College* aos 15 anos e foi ordenado pastor aos 18. Durante sua carreira acadêmica, oscilou entre o desejo de ser médico ou advogado, não se decidindo por nenhuma das profissões. O jovem pastor, embora tivesse consciência de que, na maioria das vezes, as lutas pela emancipação do negro na América ocorriam nos púlpitos das igrejas, não queria ser um simples animador de batimentos de palmas. Após ouvir falar da doutrina de Mahatma Gandhi sobre o princípio da não agressão, Martin decide aprofundar seus estudos e aplicar os ensinamentos do líder indiano na concretização da conquista dos direitos civis do negro americano.

Assim como Malcolm X, que viajou à Meca para estudar a fundo o islamismo, Luther King partiu para a Índia com o intuito de ampliar seus conhecimentos sobre os princípios fundamentais das práticas de Gandhi. O pastor foi encontrar na sabedoria de Gandhi o quadro para a corrente impetuosa de esperanças, idéias e sentimentos que nele começavam a se desenhar, e disse inúmeras vezes que “das minhas convicções cristãs tiro os princípios de base, de Gandhi tiro o de técnica operacional” (KING apud GERBEAU, 1969, p. 72). Nesse quadro, começou a desenhar-se o perfil catalista do jovem negro, cuja meta era encontrar soluções para os problemas raciais, se permitindo, sem nenhum constrangimento, buscar em outras culturas, possibilidades novas, não se importando de onde elas vinham, bastando apenas que guiassem a sociedade para a igualdade, tendo como prêmio a tão sonhada paz. Logo, Martin não foi somente um líder negro, mas um líder humano que usou como principal instrumento de protesto social o princípio de persuasão não violenta de Gandhi, denominado de *Satyagraha*. Luther King foi sim um Exu. Metaforicamente, de acordo com Maria José Somerlate Barbosa no ensaio “Exu: Verbo devoluto”, “Exu é o princípio e o fim, senhor dos encontros e dos desencontros, das encruzilhadas, das opções e da palavra, poder-se-ia dizer que ele atua tanto no sistema religioso como no campo da fala/escrita.” (BARBOSA, 2000, p. 158)

Nesse contexto de significação, no qual prevalece a figura de Exu, é pertinente lembrar que atuação de Martin não se deu apenas no combate às desigualdades raciais e nos esforços para garantir os direitos civis do negro, mas também no embate travado com o governo dos Estados Unidos na defesa dos soldados americanos enviados ao Vietnã. Luther King demonstra aí o seu senso de responsabilidade para com o outro, criando também uma relação de alteridade, o que pode ser entendido, nos termos de Jean Paul Sartre, como “humanismo existencialista”. Para o autor:

o primeiro esforço do existencialismo é o de por todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1973, p. 12)

O jovem líder negro se consagra então como a mola propulsora que desencadeou no povo negro de todo o mundo a possibilidade de sonhar, acreditando em dias melhores que aconteceriam, na sua concepção, através do tratamento igualitário e, por consequência, da melhoria da situação da comunidade negra. Apesar dos seus esforços para propagar a doutrina da não violência e da igualdade entre as raças, foi assassinado em abril de 1968, na cidade de Memphis, por um branco que havia escapado da prisão.

O que ficou de Martin Luther King Jr. foi a mensagem de um pacifista que cruzando culturas, experiências e identidades - antes de se ver como um homem negro - conseguiu reconhecer seus semelhantes como iguais, movido exclusivamente pela sede de igualdade entre os homens. Foi o primeiro a plantar a semente da possibilidade de crer, ser, ter poder ou liderar, se assim preferirem, independentemente da cor da pele. Dessa forma, pode-se constatar que a humanidade tem Obama porque teve Malcolm X e Martin Luther King.

No viés literário, Malcolm e Luther King deixam como legado suas autobiografias, escritas com a colaboração de Alex Haley. Nesse contexto, é imprescindível lembrar o pensamento de Philippe Lejeune sobre a autobiografia: "Denominamos autobiografia o relato retrospectivo em prosa que alguém faz de sua própria existência, desde que ela coloque o acento principal sobre sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 1975, p. 14). O pensamento de Lejeune vai ao encontro da reflexão de William L. Andrews sobre a autobiografia do negro americano. Para Andrews, essa forma de narrativa consiste num “comprometimento continuado das pessoas de cor em reconhecer a promessa dos seus direitos americanos inatos e articular suas conquistas como

indivíduos Afro-descendentes” (ANDREWS, 1986, p. 1),⁵ Andrews argumenta também que o as conquistas espirituais do negro representam a libertação do pecado, assim como as conquistas seculares simbolizam a libertação da escravidão.

Em *The autobiography of Malcolm X as told to Alex Haley*, escrita com a colaboração de Alex Haley, e *The autobiography of Martin Luther King Jr.* são observados alguns aspectos relevantes descritos por Lejeune para que se consolide a narrativa autobiográfica. O primeiro ponto diz respeito à narrativa em primeira pessoa – Malcolm X e Luther King; em seguida, têm-se relatos da infância e adolescência de ambos, presentes em boa parte do livro; e, finalmente, a crônica social e política, através da qual o autor/narrador, ao fazer um levantamento histórico de sua vida, não deixa de expressar seu ponto de vista sobre as questões que envolvem o negro na América, colocando em discussão temas como o racismo e o seu envolvimento no combate pelos direitos civis do afro-americano.

Em novembro de 2008, ao proferir seu discurso como candidato eleito à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama retomou a história de luta do povo americano, não se esqueceu dos irmãos negros e propôs-se a dar continuidade ao trabalho por eles iniciado. É o pronunciamento de homem que, embora já tenha sua vida esmiuçada em diferentes meios de comunicação, começa a construir uma nova biografia, a qual, pelas suas palavras, se traduzirá pelo grau de humanismo e responsabilidade mútua, um pouco como sugere Sartre.

E, sobretudo, pedirei a vocês que participem do trabalho de reconstruir esta nação, da única forma como foi feita nos EUA durante 221 anos, bloco por bloco, tijolo por tijolo, mão calejada sobre mão calejada. [...] Portanto façamos um pedido a um novo espírito do patriotismo, de responsabilidade, em que cada um se ajuda e trabalha mais e se preocupa não só com si próprio, mas um com o outro. (OBAMA, 2008)

Esse caráter de responsabilidade pelo outro diferencia Obama dos demais políticos. O comentário de Michael Kazin na contracapa do livro *A audácia da esperança*, bem define o perfil de Barack Obama. Segundo ele:

A habilidade de Obama, de misturar a retórica sobre o bem e o mal com idéias políticas práticas, é rara na história moderna da política americana ... nesta nossa era desanimadora e degradante, o talento de Obama, de propor soluções humanas e sensíveis numa prosa otimista e elegante, enche qualquer pessoa de esperança.

Talvez isso explique por que a campanha deu tão certo. Foi com esse estado de espírito que se lançou na campanha ao senado em 2004, jogar limpo e concentrar-se nas propostas. “Uma política que seja o reflexo da vida como ela verdadeiramente é, e não uma idéia pré-fabricada”. (OBAMA, 2007, p. 33).

Ser filho de pais de etnias diferentes, com a oportunidade de passar a infância no Havá e na Indonésia, propiciou-lhe várias e ilimitadas oportunidades nos campos sociais, políticos, religiosos etc. "Passei a reavaliar minhas crenças e relembrei os valores transmitidos por minha mãe e meus avós". (Obama, 2007. p. 39)

Ao analisar os perfis de Malcolm X e Martin Luther King Jr. - de acordo com as metáforas literárias de Ariel, Calibã e Exu, associadas respectivamente as saídas assimilacionista, nacionalista e catalista - constata-se que os antecessores de Barack Obama renderam-se, no caso de Malcolm as três, e que Martin inclinou-se no início a assimilar as tendências da cultura branca, mas que fixou-se como signatário de um compromisso com culturas diversas. Obama, no entanto, surge como a representação fiel de Exu, no sentido de mediador cultural, político e social. Exu e sua capacidade para transcender as essências de Ariel e Calibã são definidas por Everaldo Rocha da seguinte maneira:

Exu é também símbolo da individuação, estando afirmado em todas as coisas. Daí sua possibilidade infinita de desdobramento, de ser uno e estar em toda parte (...) mais do que isto e por isto, Exu é aquele que comunica o sistema, transporta oferendas, redistribui Axé. É mensageiro dos orixás para os homens, destes para os orixás e entre os próprios orixás. (ROCHA apud BARBOSA, 1996, p. 155)

A partir destas metáforas e da definição de Exu, há que se considerar que Barack tem Obama tem muita paixão por justiça e igualdade, um dom que pode preencher gerações diferentes com uma nova esperança de que as coisas podem mudar para melhor.

Muitas das características de Exu, descritas por Maria José Barbosa podem ser percebidas na história de Obama, como por exemplo "sua enorme capacidade de persuasão, dinamismo [...], Exu torna-se ao mesmo tempo a própria mensagem e o veículo de comunicação" (BARBOSA, 2000, p. 158), pensamento esse que vai ao encontro da análise de Lya Luft em matéria publicada na revista Veja. Para ela:

Ele é preparado para o cargo de presidente dos Estados Unidos e isto é um avanço, ao que tudo indica. Estudado, viajado, objetivo, sereno, não vocifera nos discursos, não lança perdigotos sobre o microfone, não humilha nem insulta os adversários, mas sabe ser realista e severo quando fala em possibilidade de catástrofe caso os políticos não se cocem. (LUFT, 2009, p. 22)

Obama se dedicou a todas as causas importantes para população – do uso do amianto aos problemas com o crime, da unidade entre as igrejas à força política. Passou muitos dos seus dias conversando com as pessoas sobre suas necessidades e reclamações. Era ambicioso, e começou a observar a conexão entre crise e poder. Muito do que ele havia se tornado tinha a ver com a dedicação da mãe. Há ainda histórias de doces lembranças de sua infância contadas.

Obama fala de suas origens como as de um candidato não convencional. Nasceu em Honolulu no Havaí, em 4 de agosto de 1961, seus pais se separaram quando ele tinha dois anos. O democrata morou na Indonésia enquanto criança, após sua mãe se casar com um indonésio e depois viveu no Havaí com seus avós brancos. As idas e vindas deram, segundo sua própria opinião, as ferramentas necessárias para que pudesse se tornar um político hábil na hora de fazer coligações e traçar alianças. “Ele se movimenta entre vários mundos. [...] É o que fez em toda sua vida”, afirma sua meia irmã, Maya Soetoro-Ng em matéria publicada na Folha Online em 13 de junho de 2008. No mesmo artigo, Obama revela sua origem híbrida, resultado das relações entre brancos e negros. Descreve-se Obama:

Sou filho de um homem negro do Quênia e de uma mulher branca do Kansas. Fui criado com a ajuda de um avô negro que sobreviveu à Depressão e combateu no exército de Patton durante a Segunda Guerra Mundial, e de uma avó branca que trabalhou em uma linha de montagem de bombardeiros, em Fort Leavenworth, enquanto seu marido servia no exterior (OBAMA, 2008).

Obama é resultado da nova e pós-moderna geração que escolhe e pinça a própria verdade a partir da fé tradicional, jovens pós-modernos se alegraram com o tom de busca espiritual e a aura de honestidade presentes nas palavras de Obama. A linguagem era tão aberta, que mesmo quem não tinha religião não se sentia ofendido. Ele era um cristão liberal, abraçando uma visão política liberal baseada na fé, e planejava levar os dois conceitos para os corredores do poder da nação.

A eleição de 2008 pode ser considerada um momento histórico. Quase nunca na história norte-americana a religião esteve tão na linha de frente em uma eleição presidencial. Raramente, gerações diferentes foram tão duramente representadas. Nunca um negro ou mulher chegaram tão longe. E nunca a tecnologia foi capaz de disseminar cada palavra e ação tão instantaneamente aos olhos do mundo. Ainda assim, a eleição de 2008 também pode ser considerada histórica em função da atmosfera de feridas e pecados nacionais que tomaram conta dos Estados Unidos em uma escala aparentemente sem precedentes. De fato, isso pode provar que essa é a importância, a longo prazo, desse tempo sofrido de nossa história, assim como pode comprovar que esse é o significado mais importante da presença de Barack Obama na nossa história no momento.

Obama é significativo para o nosso tempo pelo que representa, estando em foco os desafios de uma pessoa bi-racial: a causa dos pobres; o surgimento de uma nova geração; a restauração de uma esquerda religiosa; a forma, a força e o argumento moral dos negros nos

Estados Unidos. Cada um desses aspectos Obama trouxe com ele para o debate público em sua luta pela presidência, e isto concede à nossa época a possibilidade de responder, para além da política e da disputa partidária, aos descontentamentos de alguns setores da extensa família norte-americana.

Para um país fundado sobre o genocídio e construído sobre os ombros dos escravos, foi um momento inesperado e surpreendente. Em sua simplicidade, Barak Obama, um bom homem, um homem negro, disse que traria mudanças a Washington e a maioria do país gostou da idéia. Segundo Moore, “os racistas estiveram presentes durante toda a campanha e até nas cabines de votação. Mas, já não são a maioria, e veremos como se desvanecem a chama de seu ódio no tempo que nos resta de vida.” (MOORE, 2008, p. 35)

Obama será um diferencial na política americana das próximas décadas. E sua fé religiosa é o combustível de tudo que ele conquistou. Obama é o retrato dos Estados Unidos pela sua história e etnias. Reconhecer a questão racial nos Estados Unidos é dar um passo à frente em termos de humanidade, e a eleição de Barack Obama se presta para marcar essa superação simbólica. Se é verdade que Obama não salvará o mundo, verdade é que assumiu, frente a esse mesmo mundo, grandes responsabilidades políticas. As políticas meramente externas devem ceder espaço ao direito internacional. O unilateralismo deve fazer frente ao multilateralismo. Mas, a institucionalidade americana é riquíssima e não permite que um homem só possa fazer o que bem entender dentro da Presidência da República, mesmo detendo o controle do Congresso, hoje, com maioria folgadoamente Democrata. O que interessa por enquanto é afirmar esse marco histórico. Vale a pena celebrar. Vale a pena ter um sonho e “Eu tenho um sonho”, disse o Luther King, pastor.

Embora as histórias de vida de Malcolm X e Martin Luther King que lutaram pelos direitos humanos e civis do negro na América apresentem características diferentes quando relacionadas ao simbolismo de Ariel, Calibã e Exu, elas se entrelaçam porque esses homens foram capazes de vislumbrar, na fé religiosa, o caminho para edificar uma nação de igualdade e liberdade. É bem verdade que a identidade política de Obama, enquanto líder humanitário de uma grande sociedade afetada pelas disputas internacionais e pelas relações de poder, cujos reveses sofridos extrapolam seus limites geográficos, encontra-se ainda em construção. Porém, inegável é que a identidade de negro americano – o Exu conciliador – consolida-se a cada discurso dele. Um negro que assumiu o poder na América porque em suas campanhas

dirigiu-se a todos igualmente, não defendeu somente uma etnia, mas tomou para si a responsabilidade de lutar por todas as minorias.

Evidentemente que essas perspectivas somente poderão ser comprovadas com o tempo e, nesse aspecto é relevante lembrar o pensamento de Foucault (1996, p. 239-251), que declara ser a verdade uma construção do discurso, passível de mudanças de acordo com as variações culturais e ideológicas que se processam em diferentes momentos da história. Nesse sentido, fica o questionamento: Não estaria Obama inclinado a levar adiante os projetos iniciados por Malcolm X e Luther King, os quais não se traduzem em esperança apenas para o povo americano, mas representam o início de uma era que talvez realize o sonho de Luther King. A história contará.

NOTAS

- ¹ The white man has taught the black people in this country to hate themselves as inferior, to hate each other, to be divided against each other. [...] Among other things, we have small businesses in most major cities in this country, and we want to create many more. [...] But to do this, we must have land of our own. [...] We must learn to become our own producers, manufacturers and traders; we must have industry of our own, to employ our own. The white man resists this because he wants to keep the black man under his thumb and jurisdiction in white society. He wants to keep the black man always dependent and begging--for jobs, food, clothes, shelter, education. [...] He wants to keep the black man where he can be watched and retarded. (Tradução nossa) Reprinted from PLAYBOY, May 1963 Copyright © 1995 Playboy Enterprises, Inc.
- ² The white man knows that once black men [...] learn they can do for themselves, the black man's full potential will explode and he will surpass the white man. (Tradução nossa)
- ³ [...] the white race, which is guilty of having the victims of God's divine wrath. All civilized societies in their courts of justice set oppressed and exploited and enslaved our people here in America, should and will be a sentence of execution against those deemed to be enemies of society, such as murderers and kidnapers. The presence of 20,000,000 black people here in América is proof that Uncle Sam is guilty of kidnapping--because we didn't come here voluntarily on the Mayflower. And 400 years of lynchings condemn Uncle Sam as a murderer (Tradução nossa)
- ⁴ Parte do discurso de Barack Obama traduzido pela agência de notícias EFE.
- ⁵ "to the ceaseless commitment of people of color to realize de promise of their American birthright and to articulate their achievements as individuals and persons of African descent" (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

ANDREWS, William L. *Slave Narrative*. The Oxford companion to African American. Oxford: Oxford University Press, 1986.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Exu: Verbo Devoluto. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.) *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FOLHA ON LINE. *Obama é o primeiro candidato negro à presidência por um grande partido*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u412036.shtml>. Acesso em 15 jan 2009.

FOUCAULT, Michel. The order of discourse. In: RICE, P.; WAUGH, P. (Eds.). *Modern literary theory: a reader*. London: Arnold, 1996.

GATES, Henry Louis. *The signifying monkey: a theory of African American literary criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

GERBEAU, Hubert. *Luther King*. Lisboa: União Gráfica, 1969.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Rio de Janeiro: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALEY, Alex. The time is near when the white man will be finished. *Revista Playboy*, 1963. Disponível em: <http://www.unix-ag.uni-kl.de/~moritz/Archive/malcolmx/malcolmx.playboy> Acesso: 26 dez 2008.

JOHNSON, Charles. *A Passagem do Meio*. São Paulo: Siciliano, 1990.

KAZIN, Michael. In: OBAMA, Barack. *A audácia da Esperança: reflexões sobre a reconquista do sonho americano*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

KING JR., Martin Luther. *Stride Toward Freedom: The Montgomery story*. New York: Harper & Row, 1978.

_____. *The autobiography of Martin Luther King Jr.* In: CARSON, Clayborne (org.) New York: Clayborne Carson, 1998.

LEITÃO, Miriam. A íntegra do discurso de Barack Obama. In: *O Globo*, 2008. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/miriam>. Acesso em 15 jan 2009.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LUFT, Lia. Eu acredito em Obama. *Veja*, n. 8, p. 22, fev. 2009.

MOORE, Michael. Me belisca *Radis comunicação em saúde*, n. 76, disponível em www.ensp.fiocruz.br/radis. Acesso em 15 dez 2008.

MORRISON, Tony. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- _____. *Canção de Solomon*. São Paulo: Best Seller, 1986.
- _____. *Amada*. São Paulo: Best Seller, 1994.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- OBAMA, Barack. *A audácia da esperança: reflexões sobre a reconquista do sonho americano*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.
- ROCHA, Everardo. Um mito dos orixás. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: *Os pensadores*. XLV. Abril, 1973.
- SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- TYSON, Lois. *Learning for a diverse world: using critical theory to read and write about literature*. London: Routledge, 1993.
- WEST, Cornel. *Keeping Faith: Philosophy and race in América*. London: Routledge, 1993.
- _____. O niilismo na América Negra. In: *Questão de Raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.